

UM OLHAR SOBRE O LÉXICO DO PROJETO ALIB A BIRD'S EYE VIEW ABOUT THE LEXICON OF THE ALIB PROJECT

Marcela Moura Torres Paim ¹

Resumo: Neste artigo, focaliza-se um dos aspectos de que se ocupa o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), o léxico do português brasileiro. Dessa forma, este trabalho investiga como a linguagem de indivíduos apresenta marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em inquéritos do Projeto ALiB a partir da utilização do léxico como fator diageracional. A metodologia empregada consistiu na realização das seguintes etapas: 1) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; 2) escolha e formação do *corpus*, constituído de inquéritos das capitais do Projeto ALiB; 3) análise do *corpus* a fim de verificar marcas linguísticas transmissoras da construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária. A análise do *corpus* possibilitou realizar o registro da diversidade lexical do campo semântico do vestuário do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional em que o registro segue os parâmetros diatópicos e diastráticos.

Palavras-chave: Geolinguística; Léxico; Variação.

Abstract: In this article, one of the aspects focused by the Linguistic Atlas Project of Brazil (ALiB Project), the lexicon of the Brazilian Portuguese, is addressed. Therefore, this paper investigates how individuals' language presents specific linguistic marks that construct, maintain and project the age-group identity in the questionnaire of the ALiB Project, based on the use of the lexicon as a generational factor. The methodology used was based on the performance of the following stages: 1) reading of the theoretical texts related to the proposed theme; 2) choice and formation of the *corpus*, made up of inquests of the ALiB Project in different capitals; 3) analysis of the *corpus* in order to verify linguistic marks that transmit the construction, projection and maintenance of the age-group social identity. The analysis of the corpus enabled the realization of the register of lexical diversity of the field semantical os the clothing of the Portuguese language spoken in Brazil, according to the principles of the Pluridimensional Geolinguistics in which the register follows specific parameters.

Keywords: Geolinguistics; Lexicon; Variation.

1 INTRODUÇÃO

O léxico pode desempenhar um importante papel em termos de variação e mudança, apresentando uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil. Este artigo, que se insere no âmbito dos estudos lexicais realizados com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), objetiva investigar marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária a partir da utilização do léxico como fator diageracional. Assim, foram analisados os itens do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB referentes ao campo

¹Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Membro da Equipe Regional Bahia do Projeto ALiB, mmtpaim@ufba.br ou marcelamtpaim@yahoo.com.br.

semântico vestuário (*sutiã, cueca e calcinha*) a partir do repertório linguístico de informantes da faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos), com o intuito de verificar a seleção lexical realizada por distintas faixas etárias das diferentes capitais do País.

Este trabalho se justifica pelo fato de o léxico possibilitar a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, permitindo a documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil. Realizar este trabalho também vem a contribuir para o objetivo mais amplo do Projeto ALiB: “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística” (CARDOSO, 2010, p.169).

2 O LÉXICO COMO IDENTIFICADOR SOCIAL

Conforme assinala Marcuschi (2003), a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e que está situado em contextos concretos tais como o texto e o discurso. Esse caráter dinâmico encontra um campo para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver a construção, projeção e manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas.

Nesse sentido, a variação linguística refere-se ao espaço em que os indivíduos se encontram em interação nos contextos comunicativos, realizando adequações das formas alternantes de se dizer o mesmo com o mesmo valor de verdade.

Sobre essa questão, Moreno Fernández (1998) expõe que a variação lexical se dá sob o uso alternante de certas formas léxicas em umas condições linguísticas e extralinguísticas determinadas: podem ser unidades de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade, de estilo mais ou menos formal, entre outras possibilidades.

Nesse sentido, considerando a linguagem como atividade social, histórica e cognitiva, admite-se, com Marcuschi (2004), que ela seja passível de análise e observação. Dessa forma, entender é sempre entender no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação. Nessa perspectiva, não há uma relação direta entre linguagem e mundo e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente.

Sobre essa questão, Biderman (1984) esclarece que o léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, se comunica, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização mas também em outras civilizações. Por isso, as categorizações e suas denominações linguísticas com

algum item lexical podem ser variadas e nunca devem ser analisadas fora de seus contextos etnográficos, seus cenários, seus personagens e assim por diante. Isso acontece porque o léxico é apenas um sistema indiciário e o cálculo desses indícios para determinação referencial é feito no discurso.

Segundo Fiorin (2000), o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, consideradas do ponto de vista das invariantes semânticas, independentemente da função gramatical que exercem na oração. Além disso, permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.

Nessa perspectiva, ambos, emissor e receptor, são ativos a ponto de “ter de se admitir que a ‘chave’ (o código) que permite realizar as operações de codificação e decodificação, isto é, pôr em correspondência significantes e significados é em parte construída no curso do desdobramento da interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1995). Não se nega, evidentemente, que as relações comunicativas venham presididas por regras relativamente estáveis, mas estas são constantemente reelaboradas, pois a produção de textos é um processo criativo, na medida em que são criadas novas entidades que anteriormente não existiam.

Na construção do texto falado, os usuários da língua estão constante e conscientemente empenhados em buscar formulações o mais possível precisas para as necessidades da mútua compreensão e os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação procedimentos que explicitam o trabalho da seleção lexical, como adiante há de se mostrar nas análises.

Assim, com o objetivo de produzir os sentidos desejados, vai o enunciador explicitando – em função do conhecimento que ele tem do interlocutor e das reações e intervenções linguísticas e paralinguísticas deste – o processo de escolha lexical, na tentativa de construir com ele uma proposta de compreensão.

A seleção lexical consiste, pois, no trabalho do falante, determinado pelo ouvinte, em construir o sentido dos enunciados. E os sentidos são construídos em função de um fazer interpretativo do ouvinte. Também, do lado desse, não se verifica uma atuação isolada por meio da qual lhe caberia inferir de maneira isolada um conteúdo remetido pelo falante. A interpretação é construída pelo ouvinte na esteira das instruções – da proposta de compreensão – fornecidas pelo falante. O que implica dizer que, assim como o fazer atribuidor de sentidos é determinado pelo ouvinte, o fazer interpretativo é orientado pelo falante. E o processo da seleção lexical, particularmente na construção do texto falado, se explica e se estende neste fazer convergente de produzir sentidos e construir a compreensão.

Na perspectiva da pluridimensionalidade, é possível observar que a Geolinguística Contemporânea vê na utilização do léxico um instrumento que lhe permite estabelecer estratificações diatópicas de acordo com os fatores sociais enfocados. Em especial, como enfatiza esta pesquisa, a variação diageracional, revelando a seleção lexical dos informantes de acordo com a faixa etária a que

pertencem. Partindo dessa visão, será feita a análise das lexias *sutiã*, *cueca* e *calcinha*, mostrando a diversidade lexical dos falantes das capitais que integram o Projeto ALiB.

3 O QUE DIZEM OS DADOS DO PROJETO ALIB

Antes de apresentarmos os dados, faz-se necessário abordar os procedimentos metodológicos que encaminharam a pesquisa.

O cenário da pesquisa é um recorte da rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, desde começo do século XX e ganha destaque nesse final/comoço de milênio, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

A manifestação em favor da elaboração de um atlas linguístico brasileiro remonta a 1952, quando se estabeleceu através do Decreto 30.643, de 20 de março, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a “elaboração do atlas linguístico do Brasil”. As dificuldades de variada ordem levaram os dialetólogos brasileiros a iniciarem o trabalho de mapeamento linguístico do Brasil pela realização de atlas regionais.

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (Atlas Linguistique Roman), Prof. Michel Contini (Genoble). Naquela ocasião foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento.

O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, o Projeto objetiva mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, de 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, pelos dois gêneros e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade – fundamental e universitário –, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

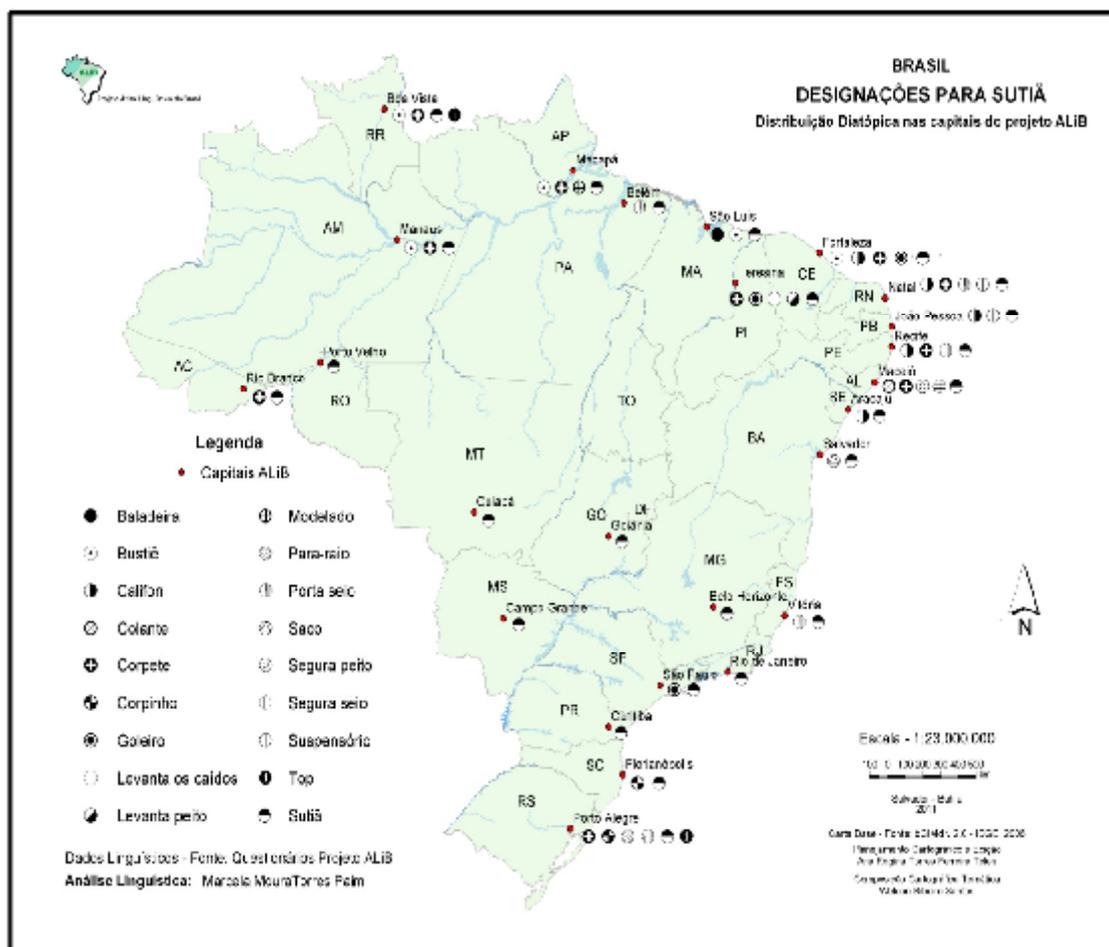
Ao se atingir, em começos de 2011, a recolha de dados em 85,2% da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre áreas dialetais brasileiras. Nesse sentido, apresentam-se neste artigo, de forma ilustrativa, resultados que mostram a diversidade de usos vinculada a áreas específicas, mas também relacionada a fatores sociais.

Dessa forma, para este trabalho, serão considerados fatos relacionados à diversidade diatópica e à diferenciação diageracional, não se incluindo, para este momento, a diferenciação diagenérica e a diferenciação diastrática, embora, no levantamento e análise dos dados, essas variáveis sociais tenham sido controladas sistematicamente.

Os resultados que se apresentam fundamentam-se em levantamentos no *corpus* do Projeto ALiB, especificamente nas capitais de Estados.

Para as ilustrações da variação lexical nas capitais do Brasil, a carta linguística a seguir mostra os resultados obtidos.

FIGURA 1
Designações para *sutiã*



Em relação à pergunta 188 do questionário semântico-lexical (QSL) “Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?”, foram levantadas 18 variantes, a saber: *baladeira*, *bustiê*, *califon*, *colante*, *corpete*, *corpinho*, *goleiro*, *levanta os caídos*, *levanta peio*, *modelado*, *para-raio*, *porta seio*, *saco*, *segura peio*, *segura seio*, *suspensório*, *sutiã* e *top*. Como pode ser visualizado, algumas representadas por lexias simples, como *bustiê*, outras compostas, como *levanta peio*. Dessas variantes lexicais,

apenas *sutiã* é comum a todas as capitais pesquisadas. As demais designações encontram-se distribuídas de forma descontínua entre as capitais.

Ao verificar a seleção lexical, conforme a faixa etária, encontraram-se as seguintes ocorrências:

Exemplo 1

(188)

INF. - *Sutiã*.

INQ. - Chama por outro nome?

INF. - Antigamente eu só chamava, meu pai ainda chamava *porta-seio*. (Inq. 070-06 - Recife)

Exemplo 2

(188)

INQ.- Essa peça que serve pra segurar o peito?

INF.- *Sutiã*.

INQ.- Já teve outros nomes?

INF.- Não, já teve outro nome *corpinho*, era o *corpinho* que a gente chamava. (Inq. 230-08 - Florianópolis)

Exemplo 3

(188)

INQ.- Como chama a peça que serve pra segurar o peito?

INF. - *Sutiã*

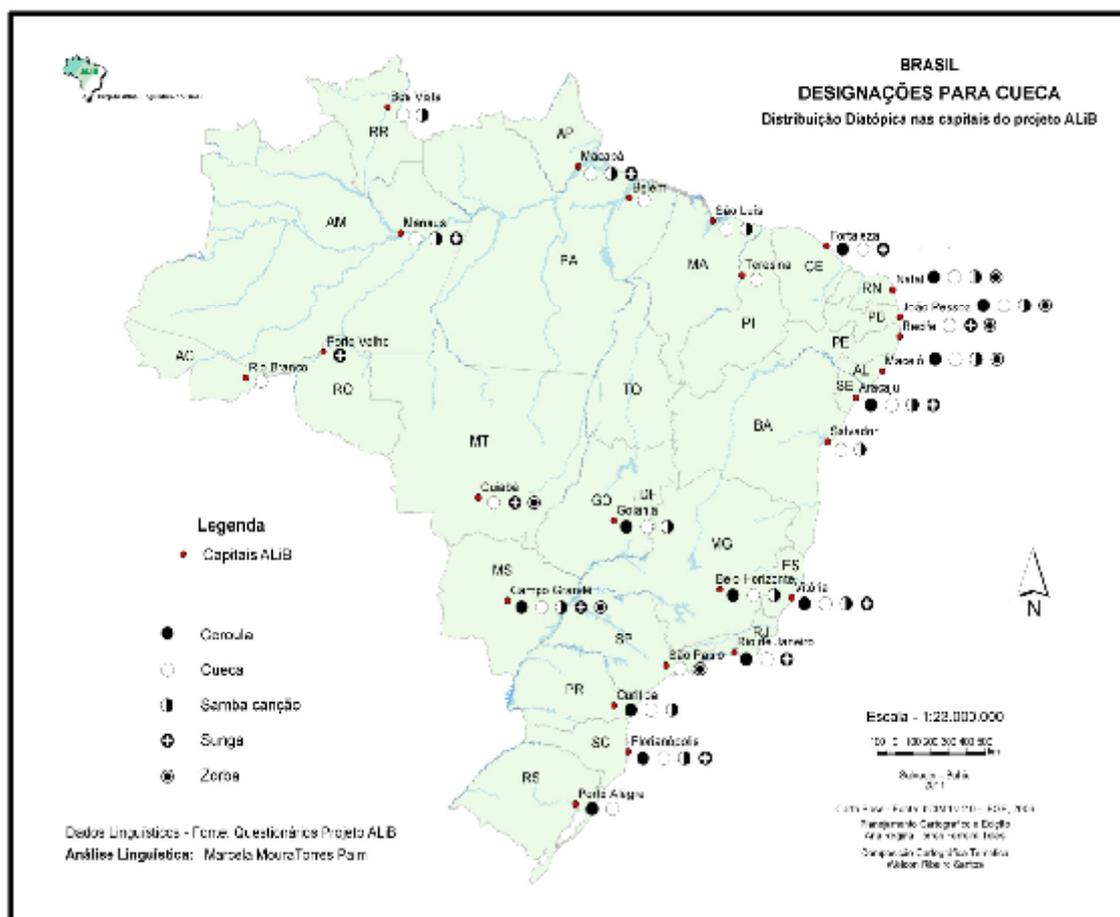
INQ. - Chama por outro nome?

INF. - Antigamente eu só chamava, meu pai ainda chamava *porta-seio*. (Inq. 070-06 - Recife)

Pelo discurso demonstrado, visualiza-se que a identidade social de faixa etária constrói-se pela revelação de que no passado as próprias informantes utilizavam um item lexical diferente, caracterizado por *porta-seio* e *corpinho*, vinculado a uma fase anterior de suas vidas.

Também encontramos uma interessante variação lexical em relação à pergunta 189 do QSL “Como se chama a roupa que o homem usa debaixo da calça?”, conforme demonstra a figura 2:

FIGURA 2
Designações para *cueca*



A questão 189 apresentou 5 designações nas capitais do Brasil, a saber: *ceroula*, *cueca*, *samba canção*, *sunga* e *zorba*. Na perspectiva estrutural, essas variantes são lexicais simples. Dessas variantes lexicais, *cueca* é comum às capitais pesquisadas. As demais formas, assim como a ausência de resposta, encontram-se distribuídas entre as capitais.

Do ponto de vista diageracional, a variante lexical *ceroula* é sinalizada no discurso dos informantes como uma variante típica de informantes mais velhos, como mostra o exemplo:

Exemplo 4

(189)

INQ.- A roupa que o homem usa debaixo da calça?

INF.- *Cueca?* (risos).

INQ.- Algum outro nome?

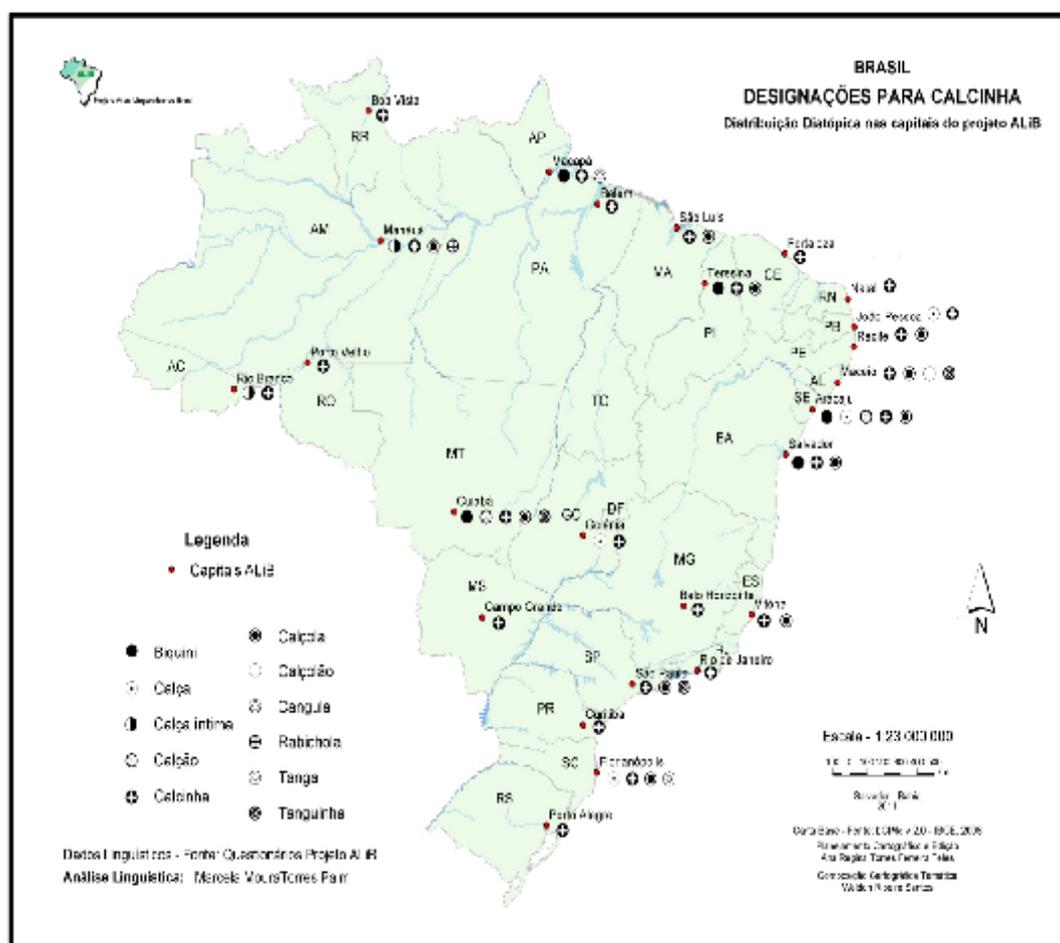
INF.- Antigamente tinha... é a *ceroula* né? (Inq. 115-04 – Campo Grande)

Nesse exemplo, é possível verificar o reconhecimento da utilização de uma variante distinta relacionada a uma época diferente. Pode-se pensar, então, numa

categoria de tempo dos acontecimentos dentro do qual o informante de faixa etária mais avançada organiza o seu discurso, relacionado com um passado sobre o qual, ainda, de certa forma, está muito preso, e dentro do qual estão itens lexicais que fazem parte de sua história.

A pergunta 190 do QSL “Como se chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia?” se apresenta diatopicamente da seguinte forma:

FIGURA 3
Designações para calcinha



No que se refere à pergunta 190, foi possível encontrar um total de 11 designações, a saber: *biquíni*, *calça*, *calça íntima*, *calção*, *calcinha*, *calçola*, *calçolão*, *cangula*, *rabichola*, *tanga* e *tanguinha*. Na perspectiva estrutural, existem lexias simples como *biquíni* e *calcinha* e compostas como *calça íntima*. Dessas variantes lexicais, *calcinha* é comum às capitais pesquisadas. As demais formas, assim como a ausência de resposta, encontram-se distribuídas entre as capitais.

Do ponto de vista diageracional, a variante lexical *calçola* é sinalizada no discurso dos informantes como uma variante típica de informantes mais velhos, como demonstra o exemplo:

Exemplo 5

INQ.- E a roupa que a mulher usa debaixo da saia? Ou debaixo da calça comprida?

INF. - Antigamente chamava *calçola*, né? Hoje, chama *calcinha*. (Inq. 079-03 - Aracaju)

Exemplo 6

(190)

INQ.- E o que nós usamos antes da calça?

INF.- A *calcinha*.

INQ.- Também tem outro nome? Pros nativos?

INF.- Ah, num era *calçola*, chamavam mais *calçola* né? *Calcinha* é mais uma expressão mais recente. Era *calçola*.

INQ.- E as meninas? E as meninas, quando vão comprar pedem calçola ou calcinha?

INF.- Ah, as meninas pedem *calcinha*, pedem *tanga* né, as meninas já pedem específico de acordo com o modelo que elas querem né, nunca vão pedir *calçola*, porque hoje as meninas vêem calçola como a calça grande da senhora idosa (risos). Desse tamanho, então eles dizem que é a calça da vovó.

INQ.- (risos) da vovó... (Inq. 230-08 - Florianópolis)

Assim, a rememoração do passado faz parte da própria organização do discurso de informantes de faixa etária mais avançada, sendo feita por meio de vários tipos de informação, inclusive o de comparar o passado e o presente a partir da utilização dos itens *calçola* X *calcinha* e *tanga*.

É precisamente essa preocupação simultânea com o “dizer” e com o “que dizer” que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação, entre as quais as que sinalizam o trabalho de seleção lexical através de itens lexicais denunciadores da faixa etária do informante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* possibilitou realizar o levantamento e a documentação da diversidade lexical do campo semântico do vestuário do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional em que o registro segue o parâmetro diatópico e diageracional. Nesse sentido, no que diz respeito às denominações que recebem *sutiã*, *cueca* e *calcinha* podem-se fazer algumas considerações preliminares:

a) as designações enfocadas apresentam uma grande variação, possibilitando a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil;

b) as variantes lexicais analisadas possuem estruturas, que podem ser leixias simples, como *califon*, e composta, como *calça íntima*;

c) a temática da comparação passado X presente está presente na linguagem dos informantes de faixa etária mais avançada, evidenciado-se na seleção lexical desses informantes como evidenciam as formas: *porta-seio*, *ceroula* e *corpinho*.

Assim, o trabalho procurou mostrar como as lexias trazem, na fala dos informantes, as marcas do contexto em que se encontram inseridas. Dessa forma, pretendeu-se oferecer subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. *ALFA*, São Paulo, pp. 1-26, 1984.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários. Londrina: UEL, 2001.
- FIORIN, José Luiz. "Política Lingüística no Brasil". *Revista Gragoatá*, n° 9, Niterói: EdUFF, pp. 221-231, 2000.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales (I)*. Paris: Armand Colin, 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. "O léxico: lista, rede ou cognição social?". In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. (orgs.). *Sentido e Significação*, São Paulo: Contexto, 2004, pp. 263-284.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.